

# humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA  
MCMLXVII-LXVIII

**Studia Mycenaea. Proceedings of the Mycenaean Symposium in Brno**  
— April 1966, ed. by ANTONÍN BARTONEK. Universita J. E. Purkyne,  
Brno, 1968, 260 pp.

De 12 a 16 de Abril de 1966 realizou-se em Brno (Checoslováquia), na Faculdade de Letras da Universidade de J. E. Purkyne, o congresso internacional «A Antiguidade e o Presente». Uma parte deste congresso foi preenchida com um «Simpósio Micénico», efectuado nos dias 13 e 14, que reuniu estudiosos do campo socialista e dos países do Ocidente para um apuramento em comum dos progressos actuais da Micenologia. O presente volume, organizado pelo Prof. Bartonek da Universidade de Brno, reúne, além das várias comunicações apresentadas no simpósio, com exclusão da de Crossland, da Universidade de Sheffield, dois apêndices, dos quais o 1.º consiste na publicação dos resultados de um inquérito, dirigido a 17 especialistas do Micénico, sobre a classificação do Micénico na constelação dialectal da língua grega, e o 2.º constitui uma bibliografia muito completa dos trabalhos sobre o Micénico, publicados nos países do bloco socialista de 1953 a 1966. Releve-se o papel desempenhado no simpósio pelo grande especialista Chadwick, da Universidade de Cambridge, a quem coube traçar em breves palavras um comentário final aos trabalhos, em jeito de conclusão. Assinala o ilustre A. a grande variedade dos temas tratados, que vão da epigrafia ou paleografia à história da civilização, e o nível alcançado pelas numerosas comunicações. De importância especial se reveste a sua observação sobre a necessidade de os linguistas, em colaboração com os arqueólogos, explorarem os muitos textos decifrados no sentido de aprofundarem o conhecimento da civilização micénica.

A matéria do 1.º apêndice sobre a classificação dialectal do Micénico é objecto de uma síntese feita pelo Prof. Risch, da Universidade de Zurique. Nessas *Conclusões*, tiradas com muito equilíbrio e prudência, avulta o carácter problemático da matéria sobre que divergem profundamente as opiniões dos especialistas. Alguns pontos mais controversos: o problema das relações entre os dialectos gregos do 2.º milénio e os dialectos do 1.º milénio; a ambiguidade da palavra *κωνή* aplicada ao Micénico; o carácter hipotético do proto-Arcádico ou do proto-Cipriota, por vezes abusivamente identificados com o Micénico; a questão complexa das relações entre o Arcado-Cipriota, no Sul, e o Eólico, no Norte. Uma nota de particular interesse conclui este comentário: salienta Risch a conveniência da aplicação ao material linguístico existente dos processos da moderna investigação dialectológica, donde poderão resultar consequências importantes para o esclarecimento das relações dos vários dialectos gregos em época histórica.

M. O. P.

ALCMANE . STESICORO . IBICO, *Frammenti*. Prefazione e traduzione di FILIPPO MARIA PONTANI. Collezione di poesia: 54. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1968, 84 pp.

Depois dos monódicos<sup>1</sup>, três poetas da lírica coral. Mais fácil, mais difícil? Para o artista-filólogo é sempre difícil. Sobretudo quando se trata de reproduzir vozes canoras, entrecortadas pelo gume do tempo. E cada uma com seu timbre distinto, a sua tempérie individual, pessoalíssima. Álcman associa uma potência de transfiguração librada nas asas do sonho e um concretismo sadio, gnómico, corposo: a solidão impérvia das furnas adormentadas, o claror argênteo das estrelas, das vestes e do vulto, o voo das alcíones sobre a flor da onda, o tropel dos corcéis sobre as nuvens do céu — e a atracção gulosa de vinhos e acepipes, a ciência cordata do vulgo bem fincado na crosta do planeta. Estesícoro é solene, e até severo (cf. as *graues Camenae* de Horácio, o epíteto *ferox* de Estácio), como convém a um *δημηκότατος*, mas nem por isso isento de frescura; Íbico, ao invés, todo um refluir de barroquismo e de paixão, ora impetuoso, ora lânguido, cativo da beleza e da mocidade irreversível. Vamos destingir em morte-cor paletas de tão discorde vibração?

A tentativa, para mais, tinha escassos precedentes em italiano: lembramos Romagnoli, Quasimodo, Valgimigli, mais recentemente Angelini e Arena. Quase todos, porém — salvo o primeiro e o último —, em reduzidas amostras. E que dizer de outros países? A messe seria ainda mais minguada.

Não faltavam motivos, por conseguinte, que estimulassem a sensibilidade e a finura crítica de Pontani. Uma tradução, como a presente, pode exigir muita canseira. Mas o resultado seria bem mesquinho, se Pontani, além de profundo conhecedor do grego e do italiano, não fosse, ao mesmo tempo, um verdadeiro esteta — capaz de fixar, para cada autor e para cada fragmento, o tom justo e a palavra exacta, a posição rítmica adequada, a *callida iunctura* que converte em timbre ressurrecto a banalidade de uma dicção ou de uma equivalência maquinais. Muitos exemplos se poderiam alegar em abono da admiração que a obra nos causou. Valha por todos este trecho do parteneu de Astimelusa (Álcman, frg. 3.61-72 Page), que acertadamente se colocou na capa da edição: «[...] il desiderio strema; ha l'occhio piú struggente / del sono e della morte, / lei non a caso dolce. / Astimelusa nulla mi risponde, / ma con la sua corona/pare una stella che tramuti loco / nella chiara del cielo,/pare un germoglio d'oro, / una morbida piuma... / [...] varca il suo passo lungo, / mentre l'umido incanto dei profumi / di Cínira / orna splendide chiome di fanciulle.» (pp. 19/21). Música e sortilégio foram trasladados: e nem uma só palavra do original foi omitida, falseada ou parafraseada. O resultado é surpreendente e cheio de encanto.

<sup>1</sup> Saffo. Alceo. Anacreonte, *Liriche e frammenti*. Prefazione e traduzione di Filippo Maria Pontani. Collezione di poesia: 14. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1965: recensão em «Humanitas», 17-18 (1965-1966), pp. 274-276.